

## **A figura que conduz: comitivas e peões boiadeiros no Noroeste paulista.**

Natalia ScarabeliZancanari (UFGD)

As comitivas, seus condutores e peões boiadeiros sempre estiveram ligados a pecuária, desde os tempos remotos até a época em que a bovinocultura se encontrava em franco desenvolvimento, interligando regiões do Mato Grosso com os estados de São Paulo, Goiás e Minas Gerais. Neste cenário se encontram inseridas diversas paisagens e modos de vida que se estabeleciam (e ainda se estabelecem) durante as viagens em comitivas nas estradas boiadeiras. A partir dessa questão é que investigamos a figura do peão boiadeiro como condutor de boiadas. Quem era esse sujeito que até meados dos anos 1960 conduzia grande número de boiadas, ligando o interior dos estados de Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás e São Paulo?

O estudo do modo de vida do peão boiadeiro se refere aos seus costumes e tradições que teve sua origem no ambiente rural voltado para a lida com o gado. Os caminhos percorridos pelos condutores e peões boiadeiros em comitivas revelam características que os distingue de outros trabalhadores rurais.

São tantas representações que se fizeram do trabalhador rural, na literatura, na música, no cinema, quase todas convergindo ao preguiçoso, ao Jeca do Sertão ou configurando-se na produção regionalista do século XIX, ligada ao romantismo, em que o boiadeiro, por exemplo, é retratado como um sujeito de vida fácil, conduzindo o gado de forma majestosa e sem nenhum perigo.

Parte da compreensão histórica desse trabalhador rural se encontra nas obras de Sérgio Buarque de Holanda e Antônio Cândido, que buscam nas raízes da colonização uma historicidade para se falar do homem do campo. Em *Caminhos e Fronteiras*, Holanda descreve o caipira:

uma raça, em muitos pontos mais próximo do bugre do que do europeu (...) Esses homens denunciam sempre aquela capacidade de observação da natureza agreste, a imaginação inquieta, a visão precisa e segura, que nascem de um convívio forçado e constante com a vida no sertão. A ousadia, aqui, há de ser cautelosa, previdente e acomodada a quaisquer

surpresas (...). Sua ordem é a da natureza, sem artifícios aparentes e sem plano prévio (1994, p.122-124).

As condições de vida do peão boiadeiro não condizem com os hábitos sedentários, ou com a tão propalada ingenuidade. Neste caso, só se pode atribuir o conceito de caipira ao peão boiadeiro após reformulações neste mesmo conceito.

Segundo Antonio Candido “a cultura caipira se desenvolveu e conservou na base dos agrupamentos rurais mais ou menos autárquicos, onde aparecem em toda sua rusticidade equilibrada, aqueles mínimos de vida e sociabilidade” (2001, p.102). Para o mesmo autor a cultura caipira abrangia regiões como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, ligadas a forma de subsistência (2001, p.103).

O caipira no Brasil tem a sua influência cultural em parte expressiva do território nacional. Os organizadores do texto *A Belle Époque caipira*<sup>1</sup> atribuem a compreensão do processo histórico em que o caipira está inserido “ao bandeirantismo e a mineração, eventos responsáveis pelo desenvolvimento de uma economia baseada num capitalismo mercantilista, que, mais tarde, se renderia á subsistência e ao pastoreio” (2007, p.93). Outro fator relevante a respeito do modo de vida do caipira é o tipo de trabalhador, dentre eles os tropeiros, sujeitos que forneciam o gado aos fazendeiros sendo também os transportadores da produção cafeeira até os portos onde era escoado o produto. Deste modo, referir-se ao caipira é delimitar um modo específico de ser e de viver dentro do espaço rural configurando uma cultura própria, envolvendo inúmeros sujeitos, baseada na solidão e no isolamento dos campos, moldando em seu cotidiano os hábitos e costumes de sua cultura.

As áreas localizadas às margens do rio Grande e Paraná constituíam-se num local de ocupação ligada ao abastecimento de gêneros alimentícios, especialmente de carne bovina. A região consistia em pastagens para invernadas, onde se concentravam os pontos de pousos destinados aos tropeiros, sobretudo em regiões do interior paulista, ponto de confluência das estradas boiadeiras que ligavam os centros criadores de gado a regiões consumidoras. Nas imediações dada a proximidade com as estradas surgiram pontos de convergência de tropeiros, peões boiadeiros e comerciantes

favorecendo o comércio de gado na troca de informações a respeito do preço do animal e na compra de algum produto destinado a pecuária durante as viagens.

No início da pecuária sulmatogrossense o peão boiadeiro desempenhava diversos papéis na comercialização do gado para outros estados. Com o crescimento do comércio de bovinos no século XX, ocorreram melhores e maiores oportunidades de negócios para esses boiadeiros, tornando sua presença imprescindível na condução dos animais. Segundo Rondon o boiadeiro foi definido na década de 1970 como “o comprador de gado para revender, um comerciante de gado, o intermediário entre os fazendeiros criadores e os invernistas ou açougueiros” (1972, p.98).

Durante algum tempo o peão boiadeiro pode exercer pessoalmente a função de escolha, compra e condução do gado, mas esta situação mais tarde sofreu modificações com a inserção do condutor que passou a ser o responsável em exercer as tarefas que antes eram dos boiadeiros. Esses sujeitos detinham, na maioria das vezes, a tropa sendo considerados então os patrões dos demais peões boiadeiros, respondendo por toda comitiva e sua carga. Essa atividade constitui-se por uma espécie de hierarquia, em que o condutor representava o sujeito responsável pela entrega do gado e o bom andamento da viagem. Segundo Monbeig (1984) o condutor chefiava a comitiva, decidindo as etapas e negociando o rebanho, seja por conta própria ou por meio de terceiros.

A lida com o boi e as boiadas exigia da comitiva uma hierarquia não apenas de mando como também de competência. Para Carmo Bernardes (1995, p.45) o boiadeiro é o capitalista que compra e vende boiada, e faisgador é o boiadeiro pequeno que compra bezerrada, vende para o invernista que cria, engorda e repassa para o mercado. Na labuta com os bois na estrada esses peões tinham o cargo de menor porte e, em escala de importância maior, baseava-se pelo condutor da comitiva, conhecido como “comissário, seguido pelo capataz, pelo contador, o arribista, o ponteiro e o culatreiro, além do cozinheiro” (1995, p. 46).

O número de boiadeiros variava de acordo com a quantidade de reses a serem conduzidas. Isso geralmente ocorria, quando havia necessidade de transportar mais de mil cabeças de gado. As estradas eram estreitas como corredores por onde o gado passava, podendo algum gado arisco fugir por entre as matas sendo recuperado pelo arribador<sup>2</sup>.

Ainda no tempo presente, nos campos de Centro Oeste por onde o gado é criado, os peões boiadeiros têm que conviver com temperaturas acentuadas. No inverno chega a fazer zero grau em algumas regiões, enquanto no verão o calor chega a quarenta e cinco graus. Assim, o trabalho com o gado nas comitivas requer uma boa condição física do boiadeiro, pois trata-se de uma profissão que absorve o vigor da juventude. Neste caso, o trabalho do boiadeiro envolve operações e técnicas aperfeiçoadas ao longo de muitas gerações, enfrentando as duras condições climáticas em uma atividade cujos rendimentos oferecem uma vida singela.

O peão boiadeiro passou a ser fundamental para a pecuária sulmatogrossense, sujeito responsável por interligar fazendas, vilas e cidades, locais de encontro de compradores, criadores e invernistas. Essa intensificação do comércio bovino permitiu que as comitivas se transformassem no principal meio de transporte do gado.

Neste caso, comprar e vender o gado transformou-se numa atividade profissional em que o melhor gado era escolhido pelo comprador, que depois entregava aos invernistas até a revenda para o abate. Nessa transação era possível acontecer do próprio boiadeiro cuidar da engorda do rebanho, sendo ele também um invernista.

A circulação de gado pelas estradas brasileiras envolve territórios que se integram para constituir o comércio de gado. Havia na constituição desse comércio bovino uma “ponta”, podendo identificar a atuação do “primeiro boiadeiro”, sujeito que comprava os bovinos nos centros de cria, localizados nos estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais e ao conduzia para as feiras de gado realizadas em cidades mineiras. Nestas localidades, os animais eram adquiridos pelo “segundo boiadeiro”, ou seja, responsável pela engorda e encaminhamento dos bovinos aos centros consumidores. O gado permanecia na província de Minas Gerais, embora prosseguisse em direção ao Sul, mais

especificamente para as províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Essa marcha até os centros consumidores era muito longa para ser seguido de modo ininterrupto, o que obrigava a constituição de outro entreposto, situados nos locais de cria e venda desses animais. Nesse segundo entreposto havia povoados onde a boiada permanecia recuperando suas forças e também as pessoas envolvidas nesse trabalho, já que a viagem era longa e os animais ficavam cansados e magros. Esses povoados eram situados em terras paulistas e mineiras. Nestes povoados os bovinos eram adquiridos pelo “terceiro boiadeiro” que representava outro membro componente desse comércio de gado, cuja tarefa era preparar o gado fisicamente para a última etapa desse longo caminho, recuperando-o do desgaste sofrido durante as marchas até serem conduzidos aos centros consumidores. Era de responsabilidade do “terceiro boiadeiro” conduzi-los as “invernadas”<sup>3</sup>. Também, cabia ao “terceiro boiadeiro” os maiores lucros, pois, promovia a venda dos animais nos centros consumidores e a revenda e produtos indispensáveis (sal, pólvora, etc) a vida dos dois primeiros boiadeiros (PERINELLI, 2008, p. 96).

Foi nesse contexto que se constituiu esse comércio ao redor do gado, envolvendo localidades capazes de compor relações socioeconômicas, que distribuíam funções e ordenavam espaços do Centro Sul brasileiro, correspondendo às demandas dos bovinos e seus derivados.

Os boiadeiros compradores de gado foram também responsáveis pela introdução de “reprodutores de raça que passaram a influir na criação de gado no Pantanal, melhorando a qualidade do boi de corte” (CORRÊA, 1995, p.118). Esses sujeitos cumpriram tarefa importante na inserção de Mato Grosso como produtor de gado magro, onde sua presença criou pontos de aglomerações na beira da Boiadeira, possibilitando a troca de informações relativas a preço, condições gerais do gado, além do comércio.

Conforme assinala Carmo Bernardes sobre a figura do peão boiadeiro:

O peão de boiadeiro nas suas diversas categorias se julga um indivíduo independente nas suas ações. Ele possui, de seu, o animal de andar montado, o arreamento completo, capa de chuva, a rede e os abafos de dormir. Tanto ele se ajusta entrando o animal de sela fornecido pelo patrão, indo o seu destro na comitiva, quando combina adremente de ir inteiramente por sua conta própria com tudo de seu. Usa-se um

chapéu de aba larga que ele arrebita de lado, por gauchada, calça botas de cano alto e não dispensa o rebenque de dar taladas na bota, quando não, uma açoiteira, que é um chicotão com três seções emendadas em argolas, com um segmento terminado numa alisca de couro cru de dar estalos no ar. Veste calça de bombacha, não de balão tão grande como os dos gaúchos, e gosta demais da conta de rapariga (1995, p.44-45).

Em muito locais por onde a comitiva passava existiam as *currutelas* como são denominados os pequenos aglomerados de casas, que muitas vezes são construídas ao lado do pequeno comércio de produtos de primeira necessidade, ou mesmo de um prostíbulo muito frequentado pelos boiadeiros.

A letra da música “Boiadeiro Punho de Aço”<sup>4</sup> narra o início da vida de um sujeito como peão boiadeiro. Na canção o narrador é um peão boiadeiro que tem seus primeiros aprendizados em comitivas por meio dos ensinamentos do pai:

Me criei em Araçatuba laçando potro e dando repasso  
Meu velho pai pra lidar com boi desde pequeno guiou meus passos. (...)  
Com vinte anos parti foi na comitiva de um tal Inácio  
Senti o nó me apertar à garganta quando meu pai me deu um abraço  
Meu filho Deus lhe acompanhe são esses os votos que eu lhe faço  
E como prêmio do teu talento lhe presenteio com esse meu laço  
Por este Brasil afora fiz como faz as nuvens no espaço  
Vaguei ao léu conhecendo terras sempre ganhando dinheiro aos maços  
Meu cipó em três rodilhas cobria a anca do meu Picasso  
Foi o que me garantiu o nome de boiadeiro punho de aço.

Na letra desta moda de viola o narrador conta como foi criado desde sua infância e a educação conduzida pelo pai para se tornar um boiadeiro. Aos vinte anos iniciou sua jornada própria, saindo da casa dos pais para se juntar a uma comitiva de boiadeiros.

O procedimento para a formação de um condutor de boiada podia ter diversas origens. Entretanto, alguns aspectos comuns eram identificáveis como sendo a família de procedência rural (agregados, pequenos produtores, empregados em fazenda, condutores, etc). As primeiras viagens geralmente

ocorriam durante a transição para a adolescência, idade em que deixava a família para se dedicar a vida no estradão conduzindo o gado.

O sucesso de uma comitiva resultava de bons peões boiadeiros aptos a realizar habilmente sua atividade e ter como característica a camaradagem com seus companheiros durante as viagens revelando um caráter coletivo do exercício baseado na existência de um grupo capaz de dar apoio aos companheiros durante o percurso. Entretanto, o aspecto financeiro também influenciava no andamento da comitiva, desde a aquisição dos animais componentes das tropas, os arreamentos e utensílios da cozinha passando pelos alimentos, algum capital para as despesas na viagem e também o adiantamento para os peões antes do início dos trabalhos. Esse custo de manutenção exigia do condutor recursos financeiros destinados a custear despesas com seus peões, que provinha do adiantamento do proprietário do rebanho ou da reserva do condutor.

Autores sul matogrossenses revelam por meio da música regional o cotidiano das comitivas pantaneiras, sendo possível conhecer mais de perto a vida do peão boiadeiro. A letra da música de Simões “Comitiva Esperança” fala das festas que ocorriam durante um pouso oferecido por um fazendeiro, em galpões ou varandas: “Tá de passagem, abre a porteira, conforme for pra pernoitar, se a gente é boa, hospitaleira, a Comitiva vai tocar moda ligeira que é uma doideira, assanha o povo e faz dançar, oh moda lenta que faz sonhar<sup>5</sup> (...)”.

Por isso, a paciência é uma característica exigida pela profissão de boiadeiro como mostra a canção Comitiva Esperança: “Nossa viagem não é ligeira, ninguém tem pressa de chegar, a nossa estrada é boiadeira, não interessa onde vai dar”.

Além de todos os contratemplos que enfrentavam nas estradas, como chuva, frio, calor, esses homens passavam muito tempo longe de casa: “A boiada ficou na estação, eu parto já tem mais de um verão. Meu cavalo nesta lida se acostumou, há tanto tempo que o tempo nem notou”<sup>6</sup>. Embora as comitivas não usassem cavalos e sim a mula por ser um animal mais resistente e capaz de passar pelos caminhos íngremes das estradas, a letra da música

retrata os longos períodos em que os peões e condutores passavam fora de casa.

Outra canção que ressalta a solidão das estradas, a saudade que sentia pela mulher amada que deixara antes de seguir viagem no estradão é descrita por Geraldo Espíndola: “Pelo rádio mandei avisar, tô voltando pra te encontrar. Eu bem sei que você se apaixonou, não duvidei, coração não se enganou. Saudade o que me faz regressar, cruzar o chão sob as luzes do luar”<sup>7</sup>.

Apesar das longas viagens o ofício desses homens tinha suas vantagens, principalmente o capataz que obtinha seu lucro numa viagem conduzindo quinhentos animais em 15 dias, ao adquirir cerca de 12 contos de réis (MONBEIG, 1984, p.306), enquanto seus empregados ganhavam bem menos. Mas isso não representava motivo para deixar as estradas, até mesmo porque na maioria das vezes a profissão significava a única que aprendera desde muito jovem. Para um peão habilitado ao trabalho com o gado ao ser solicitado pelo capataz para desenvolver alguma atividade ligada a agricultura, a prática soava como ofensa<sup>8</sup>.

A respeito do peão boiadeiro, cuja vida se encontrava marcada pelos perigos e pelas situações inusitadas, a vivência de seu cotidiano lhe proporcionava a experiência e capacidade de lidar e contornar problemas, os quais permitiriam realizar suas tarefas. Leite se refere ao peão boiadeiro como “homem capaz de se interar, integrar-se e dominar seu mundo, ao mesmo tempo atrelado a condições materiais e sociais incertas” (2003, p.118).

A figura do boiadeiro desde tempos passados evidencia a ousadia, a aventura de sujeitos quase solitários, pois ora estavam ali, lá, acolá. Conduzir boiadas, liderar comitivas, enfrentar a natureza, rasgar o tempo e o espaço dos sertões não se constituía em uma tarefa fácil para os boiadeiros. O sentido de estar e viver em movimento, conduzindo boiadas traz no imaginário a ideia desses homens como: “nômades pela própria natureza do ofício, sobretudo” (NOGUEIRA, 2002, p. 38).

O modo de ser do peão boiadeiro também inclui objetos pessoais utilizados durante a viagem, dentre eles o tereré<sup>9</sup>, bebida preparada na guampa<sup>10</sup>, em que dentro coloca-se um metal chamado de bomba com um filtro

que peneira a erva. Também carregavam um cantil<sup>11</sup> para guardarem a água nos caminhos em que quase não existia córregos e rios.

O traje de vestimenta se volta para a lida do trabalho constituído pela calça de couro; cinto e botas de couro; guaiça<sup>12</sup>; a faixa paraguaia<sup>13</sup>. Entre seu corpo e a faixa paraguaia costumavam carregar o machete<sup>14</sup>, guardadas em uma bainha de couro.

A figura do peão boiadeiro e os seus trajes representam a valorização de bens de uso pessoal, podendo ser notados por meio desses objetos uma relação afetiva e de orgulho, havendo certo significado de status. São utilizados pelegos em tons avermelhados, adornos com argolas, que dão beleza a tralha e ao peão boiadeiro. Ao voltarmos a análise para os peões e condutores da Estrada Boiadeira, é possível dizer que os artefatos utilizados pelos boiadeiros, os costumes, os gêneros de vida e o meio em que viviam e exerciam sua atividade são elementos que ajudam na construção de sua identidade.

---

<sup>1</sup> Doin, José Everaldo de M; Perinelli Neto, Humberto; Paziani, Rodrigo R; Pacano, Fábio Augusto. *A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930)*. Revista Brasileira de História: Cidades. São Paulo, ANPHU, vol 27, n° 53, jan.- jun., 2007. Semestral.

<sup>2</sup> Arribador é o peão especializado em encontrar o gado perdido

<sup>3</sup> Segundo Perinelli, as invernadas eram pastarias formadas na porção do território paulista próxima do rio Grande e composta por gramíneas diversas

<sup>4</sup> Tião Carreiro e Pardinho: Boiadeiro Punho de Aço; disco Modas de Viola, Classe A, Volume 2, 1975

<sup>5</sup> Letra de Almir Sater e Paulo Simões

<sup>6</sup> Letra de Geraldo Espíndola e Celito Espíndola (1996)

<sup>7</sup> Letra de Geraldo Espíndola e Celito Espíndola Pelo Rádio

<sup>8</sup> Segundo Maria Leite (2010) os peões boiadeiros mais jovens tem o anseio em terminar a viagem e mudar de ofício. (p.158)

<sup>9</sup> Bebida de origem indígena, típica da região, constituída de erva-mate, que é embebida de água fria, a qual é sorvida por uma bomba.

<sup>10</sup> Chifre de boi fechado do lado mais estreito com um pedaço de madeira

<sup>11</sup> Objeto que guarda água

<sup>12</sup> Espécie de bolsa feita de couro que serve para guardar pequenos objetos

<sup>13</sup> Feitas de tear

<sup>14</sup> Faca e chaira para amolar

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

BERNARDES, Carmo. *O gado e as larguezas dos Gerais*. Estud. av. vol. 9. n° 23. São Paulo. Jan/Apr. 1995.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas cidades; Ed.34, 2001.

CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e bandidos em Mato Grosso (1998-1943)*. Campo Grande Editora: UFMS, 1995.

Doin, José Everaldo de M; Perinelli Neto, Humberto; Paziani, Rodrigo R; Pacano, Fábio Augusto. *A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930)*. Revista Brasileira de História: Cidades. São Paulo, ANPHU, vol 27, n° 53, jan.- jun., 2007. Semestral.

HOLANDA, Sérgio Buarque. de. *Caminhos e Fronteiras*. 3° ed, São Paulo: Cia das Letras, 1994.

LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na História: comitivas e peões boiadeiros no Pantanal*. Campo Grande. Editora: UFMS, 2003.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, São Paulo, Editora Polis 1984.

NOGUEIRA, A. X. *Pantanal: homem e cultura*. Ed. UFMS, Campo Grande. 2002.

PERINELLI NETO, Humberto. *Era a Paulista uma ferrovia "cata-café"? Apontamentos sobre o comércio de gado e as ferrovias em São Paulo (1869-1909)*. Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, n° 32, 2008.

RONDON, J. Lucidio N. *Tipos e aspectos do Pantanal*. Cuiabá: Livraria Nobel, 1972.